



Pesquisa longitudinal: a evolução do uso lexical de uma criança dos 5 aos 22 meses de vida em um diário parental

Longitudinal Research: Lexical Use Evolution of a Child From 5 to 22 Months of Age as Documented in a Parental Diary

Pedro Perini-Santos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, Diamantina, Minas Gerais / Brasil

pedro.perini.santos@gmail.com

Lídia Ferreira Santos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, Diamantina, Minas Gerais / Brasil

lidiaferreirasantos@outlook.com

Adriana Nascimento Bodolay

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, Diamantina, Minas Gerais / Brasil

adriananbodolay@gmail.com

Jéssica Leal

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, Diamantina, Minas Gerais / Brasil

jessicarolineleal@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta as primeiras indicações empíricas de pesquisa feita com *corpus* infantil longitudinal realizado com um informante brasileiro (G.), que mora em Couto de Magalhães, uma pequena cidade do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Os registros em áudio começaram a ser feitos no 5º mês de vida do informante e estenderam-se por 18 meses em sessões mensais regulares de 30 minutos cada. Trata-se de uma forma de diário parental que, através da metodologia de *corpus* com contagem de itens feita através de software, buscou obter dados referentes à sua evolução do uso

lexical e observar como se deram as variações no número de ocorrências das formas pré-lexicais, a saber: os balbucios, as pré-palavras e as proto-palavras, e no número de ocorrências das primeiras pré-palavras, proto-palavras, palavras e expressões holofrásticas. O material oral coletado foi transcrito de acordo com o padrão internacional CHAT. Durante o período estudado, foram consideradas 833 ocorrências produzidas pelo informante. Observou-se que houve queda proporcional do valor do número de pré-palavras e de proto-palavras, e aumento do valor proporcional do número de palavras e expressões holofrásticas. Os dados obtidos foram organizados, tabelados e comparados de acordo com o percentual de suas ocorrências. A eles, foi proposta uma interpretação interacionista dialógica.

Palavras-chave: aquisição da língua materna; diário parental; registro oral; categorias lexicais e pré-lexicais.

Abstract: This paper presents the first empirical results of a longitudinal corpus survey conducted with a child informant (G.) who lives in Couto Magalhães, a small city in the state of Minas Gerais, Brazil. The audio recordings started in the 5th month of the informant's life and continued for 18 months in regular monthly sessions of 30 minutes each. Using corpus methodology, we sought to obtain data regarding the child's variation in the number of occurrences of pre-lexical forms – babbling, pre-words and proto-words – as well as his lexical evolution through the observation of pre-words, proto-words and holophrastic expressions. The collected corpus was transcribed according to the CHAT international standard. Considering the 833 occurrences collected in our research, we observed that, during the investigated period, the proportional values of occurrence of pre-words and proto-words decreased, whereas the number of words increased. A dialogical interactionist interpretation was proposed to account for the data variation found.

Keywords: mother tongue acquisition; oral registration; lexical and pre-lexical categories.

Recebido em 15 de novembro de 2017

Aceito em 20 de março de 2018

1 Apresentação

Este trabalho apresenta os primeiros resultados empíricos de uma pesquisa longitudinal desenvolvido pelo grupo CIL (*Corpus Infantil Longitudinal*) sobre a evolução do uso linguístico feita com uma criança. Durante 18 meses, desde o seu quinto mês de vida, o informante G. teve sua produção linguística espontânea gravada em áudio durante sessões

mensais regulares. Os registros aconteceram em sua casa com a presença da mãe, que fez as gravações em áudio e as anotações referentes aos contextos em que ocorreram as interações comunicativas.¹ Trata-se, assim, de um diário parental organizado com o intuito de acompanhar a evolução do uso linguístico do filho e informante. Esta pesquisa usa a metodologia de *corpus* e organiza os dados a partir da seleção de ocorrências feitas através do software de reconhecimento e contagem de palavras gratuito AntConc. (O programa está disponível no endereço <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>)

Este artigo será organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos as referências que norteiam a pesquisa. Serão algumas notas sobre a prática de diários parentais que relatam aquisição da língua materna desde o século XVI. Também nessa seção, explicitamos a razão da escolha do interacionismo dialógico como quadro teórico para o desenvolvimento de nossa pesquisa que segue em curso.² Na seção seguinte, a metodologia adotada para a coleta dos dados será enfocada, assim como o perfil do informante, as escolhas feitas para a transcrição, o software de contagem utilizado e as categorias descritivas utilizadas para o reconhecimento das ocorrências que foram manualmente etiquetadas. Na apresentação empírica do artigo, serão expostos os dados até aqui obtidos e locados nas categorias lexicais eleitas como pertinentes pela equipe para a organização e a interpretação da evolução do uso lexical do informante. As ocorrências lexicais coletadas foram organizadas em quatro categorias: (i) balbucios, (ii) proto e pré-palavras, (iii) holofrases e (iv) palavras.

¹ Para a realização da pesquisa, o grupo de pesquisa CIL (*Corpus Infantil Longitudinal*) obteve a autorização do Comitê de Ética [CAAE 57714216.5.0000.5108] e o consentimento da responsável legal pela criança, que assinou o devido TCLE.

² Há uma importante discussão sobre a pluralidade do conceito de interacionismo. Um elemento que permite melhor identificação da proposta teórica à qual se filia é a distinção entre sociointeracionismo e interacionismo. Nos dois casos, considerar-se o outro participante da interação: o *outro-social* ou o *outro-falante*. Adjetivamos a nossa opção teórica como interacionismo dialógico com o intuito de explicitar que o foco de desta pesquisa não é social; o que estudamos é a fala da criança e sua relação com a fala de sua mãe e demais interlocutores. Endossamos assim a postura teórico-metodológica apresentada por Cláudia Lemos ao longo de sua obra, que discute a distinção acima relatada. (Sobre o tema, ver LEMOS, C. 1999; LEMOS, T., 2002; LIER-DEVITTO; CARVALHO, 2008; LEE *et al.*, 2009).

2 Notas históricas sobre os diários parentais e a aquisição de língua materna

2.1 Sobre *Le journal de Jean Héroard sur l'enfance et la jeunesse de Louis XIII*

Registra-se como um texto precursor dos diários parentais que relatam a aprendizagem da língua materna o diário escrito por Jean Héroard (1551-1628) sobre o cotidiano do futuro rei da França desde seu nascimento, em 1601, até 1628, ano em que morre o preceptor Héroard. Entre as narrativas e os comentários feitos a respeito do cotidiano do infante, constam em *Le journal de Jean Héroard sur l'enfance et la jeunesse de Louis XIII* (*Diário de Jean Héroard sobre a infância e a juventude de Luís XIII*) uma enorme quantidade de ocorrências lexicais e sentenciais produzidas pelo infante. Mesmo que haja ensaios de registros da fala na forma infantil – como “equivéz” (<“écrivez”), “vola” (<“voilà”); “Dondon”, ao dirigir-se à ama-de-leite, e “Mamanga”, nome dado à governanta “que ele gaguejou desde bem pequeno” (HEROARD, 1868, p. xi) –, ao material linguístico anotado não se atribui valor registro espontâneo, porque as anotações feitas por Héroard usam a língua padrão da época. Apesar disso, *Le journal de Jean Héroard sur l'enfance et la jeunesse de Louis XIII*, publicado apenas em 1868 é reconhecido como um marco histórico valioso para o feitio dos diários parentais.

2.2 Diários parentais: uma explosão de anotações familiares

Após a publicação de *Emílio, ou a educação* (ROUSSEAU, [1762] 1995), ocorre uma “explosão de diários sobre a aquisição de linguagem” (LEVELT, 2013, p. 120). Justifica-se a alusão feita pelo psicolinguista, porque em *Emílio, ou a educação*, expressa-se a importância dos estudos sobre a infância e suas consequências na vida com os alunos. Desde então, são publicados vários trabalhos feitos a partir da coleta de dados, ou impressões, em diários parentais.

As obras *L'Enfant dans la langue* (MORGENSTERN, 2009) e *A History of psycholinguistics* (LEVELT, 2013) apresentam vários diários parentais dedicados à evolução do uso linguístico infantil. Dentre eles, os autores fazem referência a Moritz von Winterfield (1744-1819), cujo texto descreve a evolução da fala de seus dois filhos e “a formação gradual da linguagem da simples gramática da criança” (von WINTERFIELD,

1788, p. 405 *apud* LEVELT, 2013, p. 95); a Hippolyte Taine (1828-1893), que enfatiza e à ação criativa das crianças no uso linguístico; a Charles Darwin (1809-1882), que publica “*Biographical Sketch*” na revista *Mind*, em 1877, a partir de notas feitas sobre os anos iniciais de vida de seu primogênito William; e a Jean Piaget (1896-1980), cuja obra propõe etapas usadas para a descrição da aprendizagem infantil.³

Não são poucos os diários produzidos sobre o desenvolvimento da fala dos filhos.⁴ Se, por um lado, podem ser contestados em função do inerente envolvimento afetivo na escuta e na seleção das ocorrências anotadas, os diários, por outro lado, são produzidos em ambientes em que a interação comunicativa entre os filhos informantes e os pais pesquisadores ocorre da forma mais espontânea possível. A presença de pesquisadores externos à família nuclear resulta em alguma alteração do cenário natural de interação entre pais e filhos, como relatam Hart e Risley: “quando as observações se iniciam, as famílias e os observadores podem se sentir igualmente desconfortáveis” (HART; RISLEY, 1995, p. 33).

2.3 Dos diários parentais às pesquisas feitas com *corpora*

Opondo-se à prática dos diários, rotulados como aleatórios e pouco científicos – por não controlar o tempo, o horário, o local das observações, o perfil dos infantes e a representação das amostragens – são desenvolvidas, entre os anos 1920 e 1960, pesquisas que monitoram esses elementos e

³ O diário parental de Darwin não traz conteúdo lexical ou sentencial específico que mereça destaque, mas alude ao uso da prosódia como recurso anterior à produção linguística em si: “antes do ser humano usar linguagem articulada, ele produz notas em uma verdadeira escala musical” (DARWIN, 1877, p. 293). A importância de seu relato deve-se à introdução do tema aquisição de linguagem como ramo de pesquisa para a biologia humana: “Após a publicação deste artigo, praticamente todos os autores que falam sobre a aquisição da linguagem fazem alusão à teoria da evolução em geral e à lei da filogenia (que sustenta ser a ontogênese uma recapitulação da filogênese)” (LEVELT, 2013, p. 99).

⁴ Em Levelt (2013) e em Morgenstern (2009), são feitas referências aos diários parentais propostos pelos seguintes pesquisadores: Dietrich Tiedmann, Berthold Sigismund, Bernard Perez, James Sully, Jan Baudouin de Couternay, Antoine Grégoire, Oscar Bloch, Clara Stern, William Stern, Karl Bühler, Marcel Cohen, Ludwig Stümpell, George Romanes, Gabriel Compayré, Fritz Schultze, Gabriel Deville, Frederick Tracy, Kathleen Moore, Émile Egger, Wilhem Preyer, Wilhelm Ament, Gustav Deville, Milivoje Pavlovitch, Ovide Decroly, Paul Guillaume e Read Brain.

descrevem aspectos linguísticos mais específicos. Morgenstern (2009) elenca uma série de pesquisas empíricas que foram assim propostas: Smith (1926) estudou o tamanho dos enunciados produzidos por 124 crianças com idades entre 2 e 5 anos, com o mesmo objetivo, MacCarthy (1930) anotou a fala de 140 crianças entre 1 e 4 anos de idade; por sua vez, Day (1932) e Davis (1937) estudaram, respectivamente, 160 e 166 gêmeos em aquisição da língua materna; Young (1941) associou a classe social e o uso linguístico de 74 informantes infantis e Templim (1957) levou em consideração amostras da fala de 430 crianças entre 3 e 8 anos de idade e também se dedicou à análise da extensão e a evolução dos enunciados por elas produzidos. Pode-se inferir que tais pesquisas compõem uma etapa mediadora entre a confecção de diários parentais e a adoção da metodologia de *corpus* de fato.

A partir de 1960, passa-se a registrar o áudio da fala infantil com o uso do gravador. O emprego dessa tecnologia permitiu a composição de *corpora* com valor documental. Surgiram projetos mais abrangentes e mais precisos nas escolhas temáticas. O uso das gravações em áudio gera mudanças importantes nos estudos sobre a fala infantil. Surge a necessidade de se convencionar padrões para as transcrições que torna possível o estudo quantitativo dos dados com a aplicação de softwares de reconhecimento e contagem das ocorrências infantis transcritas e etiquetadas de forma compatível com a linguagem do computador. Sobretudo, passam a fazer parte da agenda teórica e empírica da linguística perguntas sobre a natureza da fala infantil, sobre sua organização sintática e lexical, e sobre o reconhecimento das primeiras palavras infantis: quais devem ser consideradas e quais devem ser descartadas. Scollon (1976) ressalta que “a decisão sobre o que deve ser observado, e considerado, e o que deve ser descartado usualmente assume como base conceitos anteriores (“*priori grounds*”), de modo a se adequar à tradição vigente” (SCOLLON, 1976, p. 25). É nesse novo cenário que, em 1980, tem início o projeto CHILDES – The Child Language Data Exchange System (MACWHINNEY, 2000). O CHILDES usa o padrão de transcrição CHAT – Codes for the Human Analysis of Transcripts. O uso desse padrão permite que se convencionem etiquetas para as notações, o que permite a comparação de dados de fala espontânea infantil em diferentes línguas.

3 Sobre as teorias de aquisição da língua materna: do inatismo ao interacionismo

O inatismo propõe que o ser humano nasce provido de uma aptidão neurobiológica para a linguagem pronta para ser ativada. Assume que o uso linguístico que circunda o aprendiz oferece-lhe uma quantidade de *input* restrita, porém suficiente, para acionar os mecanismos da Gramática Universal (GU) que lhes são inatos. Essa capacidade biológica permite às crianças a geração de sentenças até então inéditas. A GU traduz-se em categorias sintáticas abstratas – como sujeito, verbo e complemento – a serem preenchidas e organizadas de acordo com os itens lexicais coletados durante a dita pequena experiência linguística que teve a criança. As asserções inatistas sobrepueram-se às tradições epistêmicas anteriores que encontravam no uso linguístico infantil campos conceitual e empírico distintos do uso adulto (cf. JESPERSEN, 1922; BERKO, 1958; BRUNER, 1975, 1983; SNOW, 2014).

A crítica interacionista enxerga na proposta inatista uma sobreposição conceitual. Assim, são aplicadas “categorias e regras gramaticais adultas (“*adult-like*”) na descrição da linguagem das crianças” (TOMASELLO, 2000, p. 1). O interacionismo não considera o uso linguístico infantil como um objeto homogêneo tal como é feito pelo inatismo. Em sua evolução, há etapas distintas, há processos complexos e há sobretudo uma quantidade muito significativa de experiências comunicativas que envolvem as crianças e amadurecem suas habilidades linguísticas e cognitivas. Se aceitarmos que a linguagem infantil tem etapas e que essas ocorrem dentro de um contexto comunicativo, histórico e cultural, onde ocorrem interações simbólicas e linguísticas, o estudo sobre a aquisição da língua materna deve levar em conta sua evolução comunicativa, histórica e cultural. O conceito do falante infantil ideal torna-se, assim, figura hipotética estranha à pesquisa empírica sobre a aquisição da língua materna. Além disso, e tal aspecto concerne diretamente a esta pesquisa, o inatismo não elenca o léxico como traço relevante para a descrição da aquisição das línguas maternas (cf. VALLAURI, 2008; para argumento contrário, ver CAVALCANTE, 2017).

Em função disso, os interacionistas optam por uma percepção estocástica que reconhece “os sistemas do universo”, como a linguagem, “abertos, dinâmicos, e, assim, inexoravelmente sujeitos à influência dos *inputs* externos” (LEE *et al.*, 2009, p. 17). As regras gramaticais não são mais vistas como dispositivos mentais pré-existentes a serem preenchidos

com itens lexicais. As expressões linguísticas são formas partilhadas pelos falantes, inclusos os falantes mirins, no decorrer de sua evolução linguística na comunidade da qual participam.

O uso de formas pré e proto-lexicais, de formas lexicais e de sentenças evolui com o passar do tempo e com as experiências comunicativas que envolvem as crianças e os adultos. Para Bruner (1975), o que ocorre é “uma construção progressiva” das práticas gramaticais engendradas por motivação comunicativa. As crianças constroem as proto-regras e as regras para as línguas que usam a partir da produção analógica e replicatória daquilo que escutam e compreendem ao seu modo e idade.

Esta pesquisa espousa a proposta interacionista dialógica como referência para a análise realizada, bem como para a nomenclatura utilizada, uma vez que desenvolve um estudo longitudinal e empírico. Para tanto, consideram-se o tempo e os dados ilustrativos como ponto de partida para as análises e ilações possíveis. Conforme já relatado, G. tem sua produção linguística oral gravada, transcrita, etiquetada e anotada, de acordo com o padrão internacional CHAT, desde o seu 5º mês de vida.

4. Metodologia para a coleta dos dados

4.1 Sobre a obtenção dos dados em áudio

Os dados considerados para este artigo foram coletados entre 15/05/2015 e 15/10/2016. G. é um garoto ativo, comunicativo, amável e interativo. Mora com a mãe e com a avó em uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais. Os registros em áudio foram acompanhados pela mãe. As sessões de gravação tiveram duração média de 30 minutos e ocorreram no início das terceiras semanas dos meses. O equipamento usado para o registro foi um gravador de voz digital portátil modelo Sony ICD-PX333. Não houve estímulo experimental, mudança de ambiente, de práticas cotidianas ou uso de artefatos que modificariam a conduta comunicativa de G. As falas da criança e dos adultos presentes no momento dos registros em áudio são espontâneas.

4.2 Sobre a transcrição das falas

Seguindo o protocolo da metodologia de *corpus*, as gravações foram transcritas por duas das componentes da equipe. Por razão óbvia,

dedicou-se maior detalhamento situacional na transcrição da fala de G. do que na fala dos demais envolvidos nas interações comunicativas. Os documentos foram identificados como G.01, G.02 etc. e salvos em .txt, formato comportado pelo software escolhido. A transcrição dos dados seguiu o padrão CHAT, usado pelo Projeto CHILDES. Anotam-se as ocorrências linguísticas usando o alfabeto latino. Não é uma transcrição fonética, mas mantém-se, na medida do possível, as formas sonoras usadas pelo informante. As falas dos participantes aparecem identificadas com MOT (para a mãe), CHI (para a criança), e GRA (para a avó do informante, que esteve presente em várias tomadas). Precede a transcrição o protocolo de registro da identificação do momento de interação entre os participantes: acrônimos em três letras, idade, gênero, local, língua, data, tempo de gravação e situação de ocorrência. Anotam-se essas informações, fazendo uso de acrônimos introduzidos pela marca @:

FIGURA 1 – Cabeçalho da transcrição G.01.txt

```
@Begin
@Languages: por
@Participants: CHI G. Child, MOT L., GRA M. Grandmother, INV L.
Investigator
@ID: Por | Diamantina | CHI | 0;5.01 | Male | Target_Child |||
@ID: Por | Diamantina | MOT | 27;10 | Female | Mother |||
@ID: Por | Pedra Azul | GRA | 69;00 | Grandmother |||
@ID: Por | Diamantina | INV | 27;10 | Investigator |||
@Date: 15-08-2015
@Location: Couto de Magalhães, MG, Brasil
@Time Duration: 12:14 - 12:35
@Situation: MOT dá banho em CHI
```

Associada às ocorrências transcritas, há toda uma série de comentários que descrevem a situação na qual ocorreram as manifestações orais e gestuais. Antes dos comentários descritivos, aparece o símbolo %. Por exemplo, na primeira linha da Fig. 2, %exp introduz a ação desempenhada no ato da fala: a criança, CHI faz o movimento para morder a roupa da mãe. Em seguida, a mãe, MOT, fala “o desenho...”. O sinal (.) indica que houve pausa entre a primeira e a segunda fala da mãe; (..) uma pausa mais longa etc. Nas linhas iniciadas por *CHI, indica-se entre colchetes o momento inicial em que ocorreram as falas:

FIGURA 2 – Excerto da transcrição G.09.txt

```

%exp: CHI abaixa para morder um desenho no short de MOT
*MOT: o desenho não solta filho (.) cuidado senão você cai
*CHI: da didi [01'22"]
*MOT: não desliga o computador não por favor (..) você não
consegue
ligar de novo
*CHI: dia dia [01'36"]
*MOT: não consegue, tá desligado
*CHI: di [01'45"]
*MOT: para moço
*CHI: di [01'47"]
%exp: CHI apertando o botão de energia do notebook
*MOT: não é pra desligar não

```

A notação CHAT elenca uma ampla lista com marcas para a identificação de elementos contextuais que ocorrem durante a gravação. A marca %act indica as ações; %gpx indica gestos (*handshapes*); %sit indica situações, %bck indica a presença de objetos usados pelos falantes, %pho indica a transcrição fonológica, %par indica a ocorrência de manifestações paralinguísticas, como tosse e choro, e os movimentos faciais (gestos realizados pela cabeça; direcionamentos de olhar) são identificados por %fac.

5 Pesquisa empírica: pergunta central

O objetivo deste estudo é acompanhar como se deu a evolução dos usos de (i) balbucios, (ii) pré e proto-palavras, (iii) holofrases e (iv) palavras do informante durante os 18 meses de gravação até agora realizados. Com esse intuito, a equipe considerou todos os enunciados produzidos por G. Ao todo, foram gravados 1.731 turnos de fala do informante infantil. Dessas ocorrências, 833 foram localizadas nas categorias anteriormente apresentadas. Os demais 898 casos foram considerados como (v) vocalizações, que têm consistência fonética, mas necessitam de algum aporte visual para serem interpretados em exercício de função expressiva, comunicativa ou acional. Como se notará na exposição dos dados, ocorrem movimentos progressivos de substituição entre as frequências das categorias menos precisas, a saber, (i) balbucios e

vocalizações, pelas categorias semanticamente mais fortes, (ii) pré e proto-palavras, (iii) holofrases e (iv) palavras.

5.1 Sobre as categorias

Optou-se por agrupar as ocorrências coletadas para a marcação deste *corpus* infantil nas seguintes categorias: (i) balbucios, (ii) pré e proto-palavras, (iii) holofrases, (iv) palavras e (v) vocalizações. A seguir, apresentamos definições e exemplos de cada uma delas. Categorizamos nossos dados de forma semelhante ao que propõe Bharadwaj *et al.* (2015), que descreve a evolução da produção linguística espontânea de 24 crianças hindus falantes de canarês durante doze meses a partir de seu primeiro ano de vida.

(i) Balbucios

No trecho a seguir (*cf.* Fig. 3), reconhecemos exemplos de balbucio nas linhas 1 e 6 da transcrição. Quando ocorre o balbucio, o informante reproduz o mesmo som repetidas vezes. No Glossário Temático proposto por Brooks e Kempe, “balbucios (canônicos) são vocalizações pré-verbais formadas pela repetição de sílabas como *dadada* ou *bababa*” (BROOKS; KEMPE, 2012, p. 288). Assim, os balbucios não têm uma referência no mundo, são formados geralmente por CV-CV, não apresentam tonicidade e não constituem díades, uma vez que não ecoam o uso adulto imediatamente anterior.

FIGURA 3 – Excerto da transcrição G.06

```
*CHI: te tetetetetetetetete [00'01"]
%par: risos
*MOT: derrubou o copinho lá ó
*GRA: safado sem vergonha
%exp: GRA coloca uma garrafinha no chão para CHI desistir do gravador
*CHI: de dedededede [00'27"]
*MOT: larga a garrafinha da vovó e pega seu copinho
```

(ii) Proto e pré-palavras

As proto-palavras são referencialmente estáveis e diferem do balbucio pela sua extensão – têm geralmente duas sílabas no formato CVCV – e pelas diferenças possíveis na intensidade e na duração das sílabas. Elas ocorrem após o uso adulto e representam o que a criança é capaz de produzir nesse momento de imaturidade no controle do mecanismo fonatório. Na Fig. 4, a forma *papa* é um exemplo de proto-palavra.

FIGURA 4 – Excerto da transcrição G.09

*MOT: escreve aí: papel
*CHI: papa [22'52"]
*MOT: papel escreve
*CHI: papapa [22'57"]
*MOT: escreve papel
*CHI: papapapapapapa [23'03"]

As pré-palavras são foneticamente consistentes, apresentam variações acentuais e exercem função comunicativa. Geralmente ocorrem como resposta a uma fala adulta e do ponto de vista articulatório guardam semelhança com as palavras produzidas pelos adultos. No exemplo a seguir (Fig. 5), temos duas ocorrências de pré-palavra em situação dialógica:

FIGURA 5 – Excerto da transcrição G.12

*MOT: pega o pano pra limpa aqui
*CHI: pan[10'26"]
*MOT: é, o pano, pega o pano pra limpa, mamãe derramou água
*CHI: aga [10'33"]
*MOT: é água
*CHI: ma [10'36"]

Na segunda linha, o informante tenta pronunciar a palavra *pano*; o faz de forma adaptada à imaturidade no controle do mecanismo fonatório e produz *pan*. Em seguida, nota-se a forma lexical *aga*, que é a forma produzida por G. para referir-se a *água*. Ambas pré-palavras acontecem em resposta à fala da mãe que usa os termos antes de G. Constituem

díades materializadas através do uso de itens pré-lexicais entre mãe e filho que podem ser interpretadas como indicações da interatividade comunicativa entre o adulto e o infante.

(iii) Holofrases

Holofrases acontecem quando uma ou duas palavras exercem a função de uma *sentença completa*, aqui compreendida como exercício de ato enunciativo. Como aparece na figura 6, o informante usa a palavra *mais* para dizer à avó que quer *mais* café. Como G. ainda não consegue proferir toda a sentença, faz o pedido usando apenas a forma “lexificada” que exerce a função holofrástica de solicitação.⁵ Interessante observar que G. usa a forma *mais* logo após a fala de sua mãe. Essa mesma fala é em seguida usada pela GRA, indicando, nos termos de Clark e Chouinard (2000), algo como uma “autorização” para a fala infantil. Esse fato é exemplo do caráter dialógico do uso linguístico infantil.⁶

FIGURA 6 – Excerto da transcrição G.14

```
%act: a avó oferece café a G.
*MOT: fala assim: mais vovó
*CHI: mais [05'00"]
*GRA: mais o que?
%par: risos
*MOT: ô filho, Gabriel, Gabriel olha aqui pra mamãe, psiu,
fala assim com a vovó: café
```

⁵ Compreende-se a expressão “lexificação” de acordo com a proposta de Talmy (2001) que a define como a categorização e a expressão linguística de eventos, referências etc. Por esse motivo, a lexificação e conseqüente uso de (novos) itens lexicais não podem ser vistos como algo inato, mas como processos diáticos, sociais e cognitivos (Sobre o tema ver TALMY, 2001; PERINI-SANTOS, 2007).

⁶ A holofrase no uso infantil não é um recurso linguístico de fácil definição. Considerando que a opção pela constituição de uma sentença canônica ou pelo uso de itens lexicais *solos* em função sentencial inexistente até que o infante desenvolva a habilidade de fazer tais composições. (Sobre o tema, ver DORE, 1975; SCARPA, 2009; MORGENSTERN, 2009).

Na figura 7, CHI usa a forma *chai* muito próxima foneticamente da forma *sai* para dizer para uma formiga sair de perto dele. Essa holofrase acontece dentro de um contexto dialógico.

FIGURA 7 – Excerto da transcrição G.17

<p>*CHI: guinha chai chai [01'44"] *MOT: não, sai não filho *CHI: chai [01'47"] *MOT: ela tá no lugar dela, você que tá errado</p>

Novamente, a fala de G. é retomada pela mãe com a forma fonética corrigida, *sai*, oferecendo assim ao infante a forma convencional para o verbo por ele ensaiado.

(iv) Palavras

Define-se palavra como uma sequência sonora socialmente partilhada à qual se atribui significados convencionais. Na figura 8, a forma *mamãe* é a primeira palavra proferida por G., com 10 meses e um dia de idade, que aparece em nossos registros.

FIGURA 8 – Excerto da transcrição G.06

*MOT: cê tá ouvindo a vovó reclamar né
 *GRA: uu
 *CHI: mamãe [11'12"]
 *MOT: oi amor
 *GRA: que mamãe

Na figura 9, G. utiliza duas formas de negação *não* e *pode não*. E, na figura 10, G. produz a forma verbal *coloca*. São exemplos de uso de palavras isoladas ou já em situação de combinação sintática inicial.⁷

⁷ Também sobre a nomenclatura referente às primeiras composições sentenciais infantis, Brooks e Kempe (2012) diferenciam “word combinations” e “word-specific formulae”. A primeira nomeação alude à ocorrência de verbos e preposições em expressões idiomáticas como *given up*; a segunda, “the schemas used to produce word combinations; these consist of a relational term and a slot (e.g. *alll gone__* used to produce utterances such as *all gone milk* or *all gone cookies*.” (BROOKS; KEMPE, 2012, p. 302). Sobre o tema, ver Sobrinho da Silva (2011).

FIGURA 9 – Excerto da transcrição G.16

*CHI: não [!] um não [07'28"]
*MOT: é, não pode mexe não (.) no telefone da mamãe, mamãe já falou também que não pode
*CHI: pode não [07'36"]
*MOT: é, não pode (.) moço cê só que mexe em coisa que não pode, computador também não pode, filho tira o dedinho daí, não pode, cê tá ouvindo a mamãe fala que não pode? Vai mexê com seus brinquedinhos.

FIGURA 10 – Excerto da transcrição G.18

%par: risos
*CHI: coloca [07'01"]
*MOT: coloca filho, de novo?
*GRA: aí*MOT: vai fica tirando e colocando?

(v) Vocalizações

As vocalizações são produções sem obstrução no nível do trato vocal que precisam de algum aporte visual para serem interpretadas no exercício de alguma função comunicativa. Nos trechos a seguir, as falas de CHI são exemplos de vocalizações. Especificamente para esses exemplos, as transcrições da fala do informante foram feitas de forma fonética, o que aparece indicado na Fig. 11 pela sigla do CHAT %pho.⁸

⁸ Parte significativa das vocalizações e das demais ocorrências produzidas pelo informante já foram transcritas fonologicamente para trabalho sobre a variação prosódica (cf. BODOLAY, A. *et al.*, 2017). Pretende-se que todas as ocorrências do *corpus* produzidas pelo falante G. sejam assim transcritas. Para maiores discussões sobre o conceito de vocalização e suas interpretações, ver Bodolay *et al.* (2017).

FIGURA 11 – Excerto da transcrição G.01

*MOT: vamo tomar banho, pretinho (.) vamo? (...) pronto (...)
 calma
 %exp: CHI no trocador
 *MOT: vamo tomar banho preto. (...) que foi?
 %exp: preparando CHI para o banho
 *CHI: an [00'43'']
 %pho: [ã] [00'43'']
 %exp: GRA bate no copo e produz um som vocálico
 *MOT: vovó fazendo graça filho (...) viu?
 *CHI: eh [1'08"] (.) eh eh [1'12"]
 %pho: [ɛ] [1'08"] (.) [ɛ] [ɛ] [1'12"]
 %par: barulho de beijo
 *CHI: eh [1'15"]
 %pho: [ɛ] [1'15"]
 %exp: MOT arrumando as coisas do banho
 *MOT: tira a mão da boca
 *CHI: na [1'29"]
 %pho: [ã] [1'29"]

5.2 Os dados quantitativos tabelados

Nosso estudo objetivou acompanhar a evolução do uso dos itens lexicais organizados em categorias lexicais infantis no decorrer dos 18 meses de gravações. Reconhecemos 1.735 turnos de fala de G. A contagem das ocorrências junto às transcrições foi feita com o auxílio do software AntConc.

Nas gravações G.01, G.02 e G.03 – o que corresponde ao período entre o 5º e o 7º mês de vida – G. produz apenas vocalizações. Das categorias escolhidas para análise da evolução linguística do infante, os balbucios tiveram início no 8º mês de vida, que corresponde à transcrição G.04, e mantiveram-se presentes até a transcrição G.15. As pré e as proto-palavras apareceram em G.06, com uma única ocorrência e mantiveram-se presentes até o registro G.18, com 51 ocorrências. Essas formas diminuem à medida que o número de palavras aumenta (optamos por colocar as pré e proto-palavras na mesma categoria, pois não encontramos até agora diferenças claras o suficiente para justificar análise independente). As holofrases aparecem em G.13, com 4 ocorrências, e permanecem presentes até G.18, com 49 ocorrências. O vocativo *mamãe*

é a primeira palavra do informante G. que aparece em nossos registros. Aparece em seu 10^o mês de vida e está transcrita em G.06. Essa forma de ocorrência aumenta marcadamente nos meses seguintes, como mostra a Tabela 1:

TABELA 1 – Ocorrências por categorias

Identificação dos registros	Vocalizações	Balbuícios	Pré e proto-palavras	Palavras	Holofrases	Total
G.01	45	0	0	0	0	45
G.02	57	0	0	0	0	57
G.03	25	0	0	0	0	25
G.04	44	7	0	0	0	51
G.05	18	6	0	0	0	24
G.06	56	15	1	1	0	73
G.07	8	26	2	0	0	36
G.08	6	23	0	1	0	30
G.09	40	30	3	0	0	73
G.10	73	15	9	2	0	99
G.11	67	5	5	2	0	79
G.12	82	27	37	23	0	169
G.13	64	16	5	2	4	91
G.14	154	6	19	12	11	202
G.15	67	1	22	6	3	99
G.16	40	0	56	48	2	146
G.17	40	0	137	66	18	261
G.18	12	0	51	59	49	171
Total	898	177	347	222	87	1731

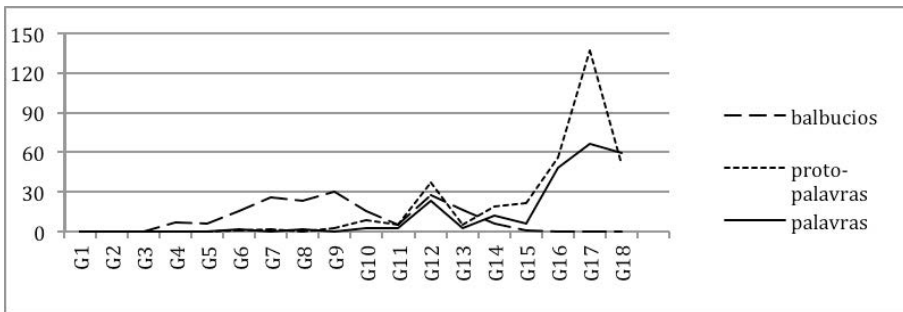
5.3 Análise dos gráficos comparativos

Como a pesquisa seguiu durante 18 meses, foi possível observar a evolução de algumas categorias lexicais observadas na fala de G., além de possibilitar a realização de alguns cruzamentos de dados com o intuito de acompanhar de forma longitudinal como ocorrem as relações de substituição ou concomitância entre os recursos comunicativos usados pelo informante. Serão apresentados três gráficos com as seguintes associações categoriais: 5.3.1 balbucios, pré e proto-palavras e palavras; 5.3.2 vocalizações e balbucios e 5.3.3 holofrases e palavras.⁹

5.3.1 Balbucios, pré/proto-palavras e palavras

Observe o gráfico 1 abaixo:

GRÁFICO 1 – Balbucios, pré/proto-palavras e palavras



O gráfico 1 mostra como estão distribuídas ao longo do tempo da pesquisa as ocorrências de balbucios, pré e proto-palavras e palavras. Considerando as três categorias, nota-se que os balbucios ocorrem entre G.03 e G.15 e são superados em número pelas outras categorias a partir do registro G.13. As pré e proto-palavras têm sua maior ocorrência em G.15 e G.16, e diminuem à medida que o número de palavras aumenta. Observa-se, assim, a substituição das duas primeiras categorias pela ocorrência de palavras: as categorias menos densas – os balbucios e as

⁹ Não se intenta propor interpretação generalizante para o uso linguístico infantil aqui relatado. Nosso estudo tem cunho descritivo. Análises quantitativas mais robustas serão feitas no decorrer do projeto de pesquisa em curso.

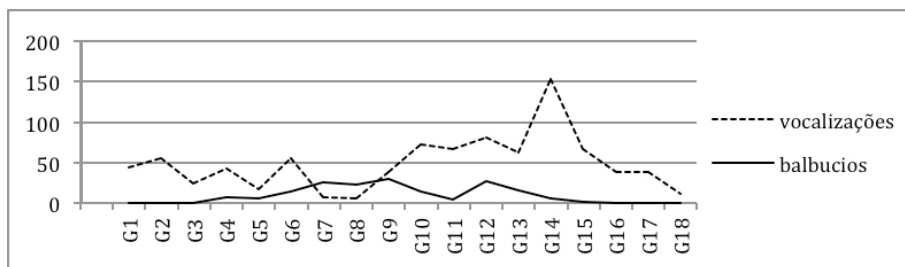
pré e proto-palavras – são progressivamente substituídas pelas palavras, que são semanticamente mais fortes e morficamente mais estáveis.

Especificamente sobre a relação entre as pré e proto-palavras e as palavras, observa-se a mesma substituição. Mesmo que haja redução do número total de ocorrências locadas nas duas categorias entre G.17 e G.18 – as pré e proto-palavras têm queda de 62% e as palavras decrescem em 11% – mantém-se a tendência supracitada. A redução do valor total nas duas categorias não afeta a interpretação relativa ao processo de substituição das formas menos densas pelas formas lexicais mais densas.

5.3.2 Vocalizações e balbucios

Apresenta-se, abaixo, o gráfico 2 que mostra a evolução nos usos de balbucios e de vocalizações de G.:

GRÁFICO 2 – vocalizações e balbucios

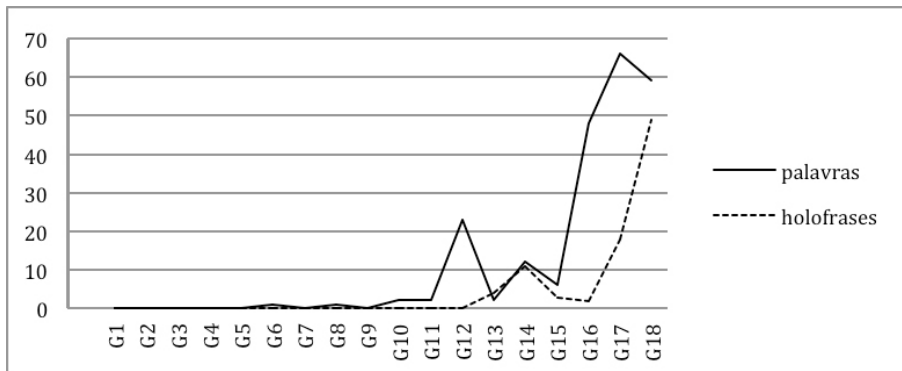


Os balbucios são frequentes entre G.06 e G.12 e param de ocorrer a partir de G.15, quando o informante G. atinge a idade [01;07.01]. O mesmo movimento de decréscimo acontece com as vocalizações. Essas aparecem em todos os documentos de transcrições, mas diminuem a partir de G.15. Assim como já indica o gráfico 1, a expressividade linguística do informante torna-se mais lexical. As duas formas de expressão sonora não-lexical, balbucios e vocalizações, minguem e são substituídas pelas formas pré-lexicais e lexicais.

5.3.3 Palavras e holofrases

A seguir, tem-se o gráfico 3 que apresenta a evolução no uso de palavras e holofrases na fala de G.:

GRÁFICO 3 – palavras e holofrases



A primeira palavra reconhecida pela equipe aparece em G.06 [0;10.01] (cf. Fig. 8). O número de ocorrências de palavras tem um aumento considerável nos meses seguintes à sua inauguração lexical. No registro G.11 [01;03.01], foram encontradas 2 ocorrências; em G.14 [01.06;01], aparecem 12 palavras; em G.16 [01;08.01], aparecem 48 palavras; em G.17 [01;09.01], 66, e em G.18 [01;10.01] são reconhecidas 59 palavras. Essa rápida progressão no uso de itens lexicais é comumente nomeada pela literatura como “momento de explosão lexical”. Dale e Fenson (1996) apontam que esse momento tende a ocorrer entre o 11º e o 15º mês de vida. A “explosão lexical” de G. ocorre entre o 15º, registro G.11, e o 21º mês de vida, registro G.16; o que corrobora o comentário dos autores.

As primeiras ocorrências holofrásticas foram registradas a partir da gravação G.13 [01;05.01]. Ocorre uma pequena curva de variação nos meses seguintes com os seguintes valores: 4 ocorrências, em G.13; 11 em G.14 e, em G.15, são observadas 3 ocorrências holofrásticas. Há um abrupto crescimento entre G.16 e G.17. Passa-se de 3 para 18 o número de holofrases registradas. Entre G.17 e G.18, passa-se de 18 para 45 ocorrências.

É interessante observar a seguinte correlação: o aumento no uso de holofrases ecoa o aumento no uso de palavras ocorrido no mês imediatamente anterior. Ou seja, a ocorrência de 48 palavras em G.16 permitiu a produção de 18 holofrases em G.17. Por sua vez, as 66 palavras ocorridas em G.17 habilitaram o informante a produzir 45 holofrases no mês seguinte. Essa correlação – 48 palavras > 18 holofrases; 66 palavras > 45 holofrases – não nos parece acidental. O fato de ser munida de mais itens lexicais, de mais repertório cognitivo e expressivo, permite à criança reconhecer e designar

objetos, pessoas e eventos na realização de seus primeiros Atos de Fala fazendo uso de itens lexicais (cf. AUSTIN, 1962; para apropriação *corpus-driven*, ver RASO; MELLO, 2014; BOSSAGLIA, 2015).

6 Comentários finais

6.1 Sobre a “comparação” de dados

Conforme mencionado anteriormente, optou-se pelas categorias propostas em trabalho longitudinal semelhante (BHARADWAJ *et al.*, 2015). O autor acompanha a evolução da fala de 24 informantes durante 12 meses a partir do primeiro ano de vida. Considerando os 12 meses registrados o informante G. a partir de seus 11 meses de vida, ou seja, entre os registros G7. e G.18, observou-se, porém, que a evolução dos dados obtidos nas duas pesquisas divergem em alguns pontos.

Em nossa pesquisa, o número de ocorrências de pré e proto-palavras decresce de 76,5% para 32,1%; em Bharadwaj *et al.* (2015), passa-se de 14,5% para 2,7%. Sobre o número de palavras identificadas, em nossa pesquisa há um aumento de 0% para 32,1%; em Bharadwaj *et al.* (2015), ocorre um aumento de 8,3% para 35,4%. Sobre o uso de holofrases, em nosso estudo, passa-se de 0% para 30,8%; em Bharadwaj *et al.* (2015), há uma forte queda, passa-se de 9,3% para 1,04%. Três aspectos podem explicar as divergências. Primeiro: o estudo indiano registrou a fala de um número muito superior de informantes: foram 24 crianças falantes do canarês e nossa pesquisa acompanhou um único informante. Segundo: nossos dados são nominais; os dados da pesquisa correlata são apresentados em seus valores médios. Finalmente, os períodos etários das coletas de dados considerados para essa “comparação” são diferentes. O estudo brasileiro registra a fala do informante entre 5 e 22 meses de vida; o estudo indiano, entre os 12 e os 24 primeiros meses de vida dos informantes. Nesse sentido, não há de fato uma comparação, mas o aproveitamento de categorias analíticas pertinentes.

Especificamente sobre a categoria *holofrases*, em que houve maior divergência na evolução dos dados das duas pesquisas, a interpretação das funções holofrásticas depende de elementos contextuais como as indicações dêiticas, a presença de objetos, as expressões faciais e gestuais dos falantes e, sobretudo, a presença e a atitude entre os interlocutores. Nas duas pesquisas, a indicação e a relação desses elementos com as

produções linguísticas são escassas. Isso é uma limitação metodológica à qual o nosso grupo de pesquisa está atento. Além disso, Luo *et al.* (2012), em pesquisa sobre as diferenças dialógicas entre mães americanas, tailandesas, chinesas e peruanas, e seus respectivos filhos, afirmam que não há homogeneidade nas díades produzidas entre esses interlocutores e consequentes interpretações. No uso de cada “manhês” específico, pode variar os números de verbos, de itens nominais, de frases curtas, de frases longas, de “*tag questions*”, de perguntas abertas, de ordens, de pedidos, de explicações, de esclarecimentos etc. Assim, a ocorrência dos Atos de Fala ditos holofrásicos e seu reconhecimento pelos pesquisadores estão sujeitos a interpretações socioculturais.¹⁰

6.2 Sobre o amadurecimento do *corpus*

A cada releitura das transcrições, a cada nova interpretação dos dados já transcritos ou em transcrição, encontramos passagens que demandam reajustes e maior detalhamento. Esse movimento de amadurecimento é inerente à pesquisa de *corpus*. Os trabalhos de coleta, transcrição e marcação de *corpora* infantis realizados pelo grupo CIL têm, neste artigo, a sua primeira publicação que partilha sua pesquisa empírica em desenvolvimento. Progressivamente, temos incorporado aos *corpora* que efetivamos mais detalhes referentes aos contextos das ocorrências, à prosódia e às realizações fonética e gestual dos infantes investigados. Estamos cientes da complexidade multifacetada que envolve a análise dos dados referentes à fala infantil e os elementos que compõem a sua expressão.

Agradecimentos

Agradecemos a nossos informantes, à mãe, à avó e ao próprio G., que generosamente permitiram o registro de seu cotidiano. Agradecemos ao colega Patrik Vezali, pela atenta revisão feita no texto final. Agradecemos aos pareceristas desta revista pelos comentários críticos. Suas sugestões foram incorporadas à redação final deste artigo, o que permitiu o amadurecimento do texto e das reflexões aqui apresentadas. Agradecemos à FAPEMIG, que apoia esta pesquisa (processo 02621-16).

¹⁰ Ainda sobre o tema das díades entre pais e filhos. Das poucas referências feitas sobre “a fala do pai”, vale registrar o que diz Rondal: “Les pères passent seulement quelques secondes ou quelques minutes par jour à parler à leurs enfants pendant les premiers mois d’existence” (RONDAL, 1978, p. 63).

Contribuição dos Autores

Pedro Perini-Santos e Lídia Ferreira-Santos propuseram a presente pesquisa. P. Perini-Santos e L. Ferreira-Santos organizaram e monitoraram a coleta de dados, analisaram os dados, redigiram e escreveram o texto final do artigo. Jéssica Leal e L. Ferreira-Santos coletaram, transcreveram e revisaram a transcrição dos dados. Adriana Nascimento Bodolay transcreveu e analisou os aspectos fonéticos. P. Perini-Santos é o coordenador da pesquisa do grupo CIL (*Corpus* Infantil Longitudinal). Todos os colaboradores são membros do CIL e trabalham em um projeto de pesquisa mais amplo dedicado à construção e à análise de *corpora* infantis longitudinais.

Referências

- AUSTIN, L. J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BERKO, J. The Child's learning of English Morphology. *Word*, Taylor & Francis Online, v. 14, n. 2/3, p. 150-177, 1958. Doi: 10.1080/00437956.1958.11659661
- BHARANDWAJ, S.; SUSHMAS.; SREEDVIN. True words, protowords and holophrastic words in typically developing Kannada speaking children: 12-24 months. *Journal of Child Language Acquisition Development*, Turkey, v. 3, n. 1, p. 47-57, 2015.
- BODOLAY, A.; PERINI-SANTOS, P; VEZALI, P. FERREIRA-SANTOS, L. LEAL, J; RIBEIRO, L. Descrição prosódica no processo de aquisição: análise preliminar baseada em *corpora* linguístico infantil. In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE PROSÓDIA DA FALA, v VI., 2007, Mariana. *Anais...* Mariana: ICHS/UFOP, 2017.
- BOSSAGLIA, G. Orientação pragmática da sintaxe na fala espontânea: uma análise *corpus-based* da subordinação completiva e adverbial no português do Brasil. *Domínios de lingu@gem*, Uberlândia, v. 9, n. 5, p. 310-335, 2015. Doi: <http://dx.doi.org/10.14393/DLE-v9n5a2015-16>
- BROOKS, P.; KEMPE, V. *Language Development*. Londres: PBS Blackwell, 2012.
- BRUNER, J. S. The acquisition of pragmatic commitments. In: GOLINKOFF, R. (Ed.). *The Transition From Prelinguistic to Linguistic Communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1983.

BRUNER, J. S. The ontogenesis of speech acts. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n. 2, p. 1-19, 1975. Doi: <https://doi.org/10.1017/S0305000900000866>

CAVALCANTI, R. Alguns argumentos contra o inatismo linguístico – réplica a Lombardi Vallauri. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 2061-2093, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.4.2061-2093>

CLARK, E.; CHOUINARD, M. M. Énoncés enfantins et reformulations adultes dans l'acquisition du langage. *Langages*, Persée, n. 140, p. 9-23, 2000.

DALE, P.; FENSON, L. Lexical development norms for young children. *Behavior Research Methods, Instruments & Computers*, Springer Link, n. 28, p. 125-127, 1996. Doi: <https://doi.org/10.3758/BF03203646>

DARWIN, C. A biographical sketch of an infant. *Mind. A Quarterly Review of Psychology and Philosophy*, Oxford University Press, v. 2, n. 7, p. 285-294, 1877.

DAVIS, E. A. The development of linguistic skill in twins, singletons with siblings, and only children from age five to ten years. Minneapolis: University of Minnesota, 1937. (The Institute of Child Welfare Monograph Series, n. 14)

DAY, E. The Development of Language in Twins: I. A Comparison of Twins and Single Children. *Child Development*, Hoboken, NJ, v. 3, n. 3, p. 179-199, 1932. Doi: <https://doi.org/10.2307/1125457>

DORE, J. Holophrases, speech acts and language universals. *Journal of Child Language*, New York, v. 2, n. 01, p. 21-40, 1975. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900000878>

HART, B.; RISLEY, T. R. *Meaningful differences in the everyday experience of young american children*. Baltimore: Brookes. MacWhinney, 1995.

HEROARD, J. *Le journal de Jean Héroard sur l'enfance et la jeunesse de Louis XIII*. 1868 [1602-1627]. v. 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/journaldejeanh01hruoft>>. v. 2. Disponível em: <<https://archive.org/details/journaldejeanh02hruoft>>. Acesso em: jul. 2017.

JESPERSEN, O. *Language: it's nature, development and origin*. Londres: George Allen and Unwin, 1922.

LEE, N.; MIKESELL, L.; JOAQUIN, A.; MATES, A.; SHCUMANN, J. *The interactional instinct – the evolution and aquisition of language*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2009.

LEMOS, C. Sobre o interacionismo. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 11-17, 1999.

LEMOS, T. *A língua que me falta*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEVELT, W. *A history of psycholinguistics*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013.

LIER-DEVITTO, M. F.; CARVALHO, G. O interacionismo: uma teorização em aquisição da linguagem, In: FINGER, I.; QUADROS, R. (Org.) *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 115-146.

LUO, Y. H.; SNOW, C.; CHANG, C.-J. Mother-child talk during joint book reading in low-income American and Twainese families. *First language*, Londres, v. 32, n. 4, p. 495-511, 2012. DOI: 10.1177/0142723711422631

MacCARTHY, D. A. *The Language development of the preschool child psychology*. Minneapolis: University of Minnesota, 1930. (The Institute of Child Welfare Monograph Series, n. 4)

MACWHINNEY, B. *The CHILDES project*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

MORGENSTERN, A. *L'enfant dans la langue*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2009.

PERINI-SANTOS, P. Epistemologia cognitiva para o uso das preposições – o caso da preposição de do PB. 2007. Tese (Doutorado) –Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RASO, T; MELLO, H. (Ed.). *Spoken corpora and linguistic studies*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1075/scl.61>

RONDAL, J. A. *L'interaction adulte-enfant et la construction du langage*. Liège: Pierre Mardaga, 1978.

ROUSSEAU, J.- J. *Emílio, ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand, [1762] 1995.

SCARPA, E. M. O lugar da holofrase nos estudos de aquisição da linguagem. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 2, p. 187-200, 2009. Doi: <https://doi.org/10.20396/cel.v51i2.8637211>

SCOLLON, R. *Conversations with a one year: a case study of the developmental foundation of syntax*. Hong Kong: University Press of Hawaii, 1976.

SMITH, M. E. An investigation of the development of the sentence and the extent of vocabulary in young children. *University of Iowa Studies in Child Welfare*, Iowa, v. 3, n. 5, p. 1-90, 1926.

SNOW, C. Input to interaction to instruction: three key shifts in the history of child language research. *Journal of Child Language*, New York, n. 41, p. 117-123, 2014. Doi: 10.1017/S0305000914000294

SOBRINHO DA SILVA, C. T. Primeiras produções infantis: como categorizá-las?. *Revel*, [s.l.], v. 9, n. 17, 2011.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Hong Kong: MIT Press, 2001. v. II.

TEMPLIM, M. Certain language skills in children: their development and inter-relationships. Minneapolis: University of Minnesota, 1957. (The Institute of Child Welfare Monograph Series, n. 26)

TOMASELLO, M. Acquiring syntax is not what you think. In: BISHOP, D.; LEONARD, L. (Ed.), *Speech and language impairments in children: causes, characteristics, intervention, & outcome*. London; New York: Psychology Press, 2000.

VALLAURI, L. E. Alguns argumentos contra o inatismo. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 9-47, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.9-47>

von WINTERFIELD, M.A. Tagebuch eines Vaters über sein neugeborenes Kind. Braunschweigisches: Journal Philosophischen, Philologischen und Pädagogischen Inhalts, Alemanha, n. 5, p. 404-444, 1789.

YOUNG, F.M. An analysis of certain variables in a developmental study of language. *Genetic Psychology Monographs*, Bethesda, USA, n. 23, p. 3-141, 1941.

ANEXO: trechos citados transcritos

Seguem os excertos de exemplos transcritos e citados no decorrer do artigo. Neste Anexo, são ofertados períodos mais extensos em que ocorrem os exemplos analisados. As transcrições estão organizadas em acordo com a numeração da Figura.

FIGURA 2 – Excerto da transcrição G.09.txt

```
*MOT: que foi
%par: choro de CHI
*MOT: pega o carrinho (.) vai pega o carrinho lá aqui ó (..)
vai comer o Poh vai comer o Poh delícia mamãe não quer não
%exp: CHI tira o bonequinho da boca e coloca na boca de MOT
%par: risos
*MOT: que foi (.) que foi (..) não acredito que você vai
comer o short da mamãe
%exp: CHI abaixa para morder um desenho no short de MOT
*MOT: o desenho não solta filho (.) cuidado senão você cai
*CHI: da didi [01'22"]
*MOT: não desliga o computador não por favor (..) você não
consegue ligar de novo
*CHI: dia dia [01'36"]
*MOT: não consegue tá desligado
*CHI: di [01'45"]
*MOT: para moço
*CHI: di [01'47"]
%exp: CHI apertando o botão de energia do notebook
*MOT: não é pra desligar não
*CHI: di [01'50"]
*MOT: não
*CHI: dia[01'52"]
*MOT: olha aqui não pode
*CHI: di é di [01'55"]
*MOT: para
```

FIGURA 3 – Excerto da transcrição G.06

%exp: CHI está sentado no chão brincando com um copinho quando vê MOT colocar o gravador no sofá e levanta para tentar pegar
 *CHI: te te te te te te te te te te te [00'01"]
 %par: risos
 *MOT: derrubou o copinho lá ó
 *GRA: safado sem vergonha
 %exp: GRA coloca uma garrafinha no chão para CHI desistir do gravador
 *CHI: de de de de de de [00'27"]
 *MOT: larga a garrafinha da vovó e pega seu copinho
 *GRA: deixa ele brincar
 %exp: CHI batendo a garrafinha no chão sons de televisão ao fundo
 *GRA: nossa quarenta e nove imóveis destruído (...) deve ser porque é gás encanado né
 *MOT: não sei não
 *GRA: por que diz que o povo desligou o gás
 *CHI: ma ma ma ah[!] be be be be bru bru de de de [!]
 [01'03"]

FIGURA 4 – Excerto da transcrição G.09

%par: risos
 *MOT: o que Escreve pra mamãe toma a canetinha aqui escreve aí pra mamãe (.) escreve aí isso (.) do outro lado deixa a mamãe abrir pra você pronto
 %exp: CHI batendo a caneta na folha
 *MOT: vai rasgar não rasga não
 *CHI: bu bu bu ba bu [22'40"]
 *MOT: escreve aí papel
 *CHI: papa [22'52"]
 *MOT: papel escreve
 *CHI: pa pa pa [22'57"]
 *MOT: escreve papel
 *CHI: pa pa pa pa pa pa pa pa [23'03"]
 *MOT: deixa a mamãe escrever pra você
 *CHI: paa [23'11"]

FIGURA 5 – Excerto da transcrição G.12

*MOT: não pode
*CHI: nannan [10'01"]
*MOT: não ah derramou água pega o pano pra mamãe pega o pano pra mamãe limpa aqui vai
*GRA: olá ó (..) oli ó (..) o pano
*MOT: pega o pano pra limpa aqui
*CHI: pan [10'26"]
*MOT: é, o pano pega o pano pra limpa mamãe derramou água
*CHI: aga [10'33"]
*MOT: é água
*CHI: ma [10'36"]
*MOT: é pega o pano lá
*CHI: pê [10'39"]
*MOT: pano
*CHI: pê [10'42"]
*MOT: é

FIGURA 6 – Excerto da transcrição G.14

*GRA: mais o que
*MOT: pede a vovó mais pede
*GRA: o que cê que fi
*CHI: ma [04'56"]
*GRA: ham
*CHI: ma [04'58"]
*MOT: fala assim mais vovó
*CHI: mais [05'00"]
*GRA: mais o que
%par: risos
*MOT: ô filho Gabriel Gabriel olha aqui pra mamãe psiu fala assim com a vovó café
*CHI: bó [05'14"]
*GRA: sua mãe disse que não gosta que dá ocê café porque que ela tá mandando eu dá (..) hein
*MOT: dá a garrafinha de suco pra ele não não dá café ele não
*GRA: não eu vou tomá uá
*MOT: uá se cê for toma cê tem que dá ele então né fi olá a vovó vai dá filho olá
*CHI: fé [05'30"]
*MOT: é café (..) não não mexe aí não vovó dá lá olá

FIGURA 7 – Excerto da transcrição G.17

*MOT: é tudo da vovó não mexe mamãe já falou que isso aí não pode pegá filho não pode
 *CHI: abutatuadu a tuta [01'37"]
 *MOT: ó
 *CHI: a [01'42"]
 *MOT: olha a formiguinha
 *CHI: guinha chai chai [01'44"]
 *MOT: não sai não filho
 *CHI: chai [01'47"]
 *MOT: ela tá no lugar dela você que tá errado
 *CHI: ado [01'50"]
 *MOT: é
 *CHI: tudo ajundo qui casa [01'53"]
 *MOT: cuidado aí
 *CHI: cu chainha [02'03"]
 *MOT: é na folhinha

FIGURA 8 – Excerto da transcrição G.06

*GRA: acho ruim por que é uma coisa que quebra
 *MOT: não não vai quebrar não pode ficar tranquila
 *CHI: um um um [10'53"]
 *MOT: o máximo que vai acontecer é ele bater na própria mão
 (..) ou para com isso [!]
 %exp: CHI batendo o vidro no chão
 *MOT: cê tá ouvindo a vovó reclamar né
 *GRA: uu
 *CHI: mamãe [11'12"]
 *MOT: oi amor
 *GRA: que mamãe oriege
 *CHI: um um rum rum [11'17"]
 *GRA: me dá aqui ó (..) Gabriel [!]
 *CHI: an um [11'26"]
 *MOT: fala assim não dou é meu a mamãe me deu
 *GRA: ô Biel (..) ô Biel
 %par: resmungando

FIGURA 9 – Excerto da transcrição G.16

*MOT: filho que cê tá fazendo (..) pode mexe nas coisas da vovó não (..) pode não fecha a gaveta da vovó fecha (..) fecha filho (..) não fecha cuidado com a mãozinha fecha

*CHI: zinha [07'16"]

*MOT: é mãozinha, tem que tomar cuidado senão cê machuca

*CHI: amo [07'20"]

*MOT: não não pode mexe nas coisas da vovó vovó vai briga vou lá conta pra ela que cê tá mexendo nas coisas dela

*CHI: não [!] um não [07'28"]

*MOT: é não pode mexe não (.) no telefone da mamãe mamãe já falou também que não pode

*CHI: pode não [07'36"]

*MOT: é não pode (.) moço cê só que mexe em coisa que não pode computador também não pode filho tira o dedinho daí não pode cê tá ouvindo a mamãe fala que não pode vai mexe com seus brinquedinhos

*CHI: quedinho ma dim [07'52"]

*MOT: é

*CHI: madinho madinha madim [07'53"]

*MOT: seu livrinho cadê

*CHI: xinho [07'58"]

FIGURA 10 – Excerto da transcrição G.18

*CHI: a bobinha

*MOT: fala assim: carregador

%tim: [06'57"]

*CHI: gadador

*MOT: do celular

%par: risos de MOT

%tim: [07'01"]

*CHI: coloca

*MOT: colocá filho de novo

*GRA: aí

*MOT: vai fica tirando e colocando

*GRA: só pra vê a luzinha

%par: risos de MOT e GRA

%tim: [07'11"]

*CHI: im dá

FIGURA 11 – Excerto da transcrição G.01

```

@Situation: MOT indo dar banho em CHI
%sit: CHI está deitado na cama enquanto MOT prepara seu
banho
*MOT: vamo tomar banho pretinho (.) vamo (..) pronto (...)
calma
%exp: CHI no trocador
*MOT: vamo tomar banho preto (...) que foi
%exp: preparando CHI para o banho
%tim: [00'43"]
*CHI: an
%pho: [ã]
%exp: GRA bate no copo e produz um som vocálico
*MOT: vovó fazendo graça filho (...) viu
%tim: [01'08"]
*CHI: eh
%pho: [ɛ]
%tim: [01'12"]
*CHI: eh eh
%pho: [ɛ] [ɛ]
%par: beijo
%tim: [01'15"]
*CHI: eh
%pho: [ɛ]
%exp: MOT arrumando as coisas do banho
*MOT: tira a mão da boca
%tim: [01'29"]
*CHI: na
%pho: [ã]
*MOT: que foi peraí filho
%tim: [01'41"]
*CHI: eh
%pho: [e]
%sit: GRA atendendo o telefone
*GRA: alô (..) uá mas antes tava funcionando Lidinha (...)
aí meu xxx
%par: beijo

```